

COM A PALAVRA

OSCAR DANIEL MORALES



FOTOS: ANA PAULA NOGUEIRA

O professor Oscar Daniel Morales Melo é natural de Rivera, Uruguai, onde nasceu há 56 anos. Naturalizado brasileiro, é professor do curso de música da UFSM desde 1991. As suas maiores habilidades são com o piano e o teclado. Ele não apenas ministra disciplinas sobre música, mas também desempenha o papel de instrumentista, arranjador e compositor em eventos da cultura nativista gaúcha, além de participar como jurado nos festivais como a 'Califórnia da Canção' e a 'Gauderiada', em Rosário do Sul.

Daniel Morales, como é mais conhecido, é um defensor da cultura popular e um crítico dos estilos de arte sem conteúdo. No mês de dezembro, movimentou a UFSM com a realização do Festival de Cultura Popular, vinculando arte e compromisso social. Morales acredita piamente que a música pode ajudar a despertar a sensibilidade do ser humano. Coerente com essas idéias desenvolve há 14 anos o projeto Oficina de Música, através do qual é trabalhada a cultura popular, com o objetivo de inserir a música popular na Universidade. Casado com Nélida, pai de Oscar Ernesto e Daniela, o professor e músico falou ao Jornal da SEDUFSM sobre diversos temas:

O mercado não pode determinar o que é arte

PERGUNTAS & RESPOSTAS

Pergunta - A arte deve servir apenas para o deleite das pessoas que apreciam ou pode servir para a geração de riqueza de quem produz? É possível compatibilizar arte e comércio?

Resposta - A música como qualquer outra área das artes, pode se tornar um produto cultural e esse produto ser vendido. Nós vivemos numa sociedade capitalista, onde todas as coisas têm um preço. Mas com a arte é diferente: eu posso fazer uma arte ou música comercial, assim como posso fazer uma arte ou música, independente da determinação do "senhor mercado". Inclusive eu posso vender esse produto cultural, mas mesmo assim eu posso conservar a minha identidade. É nesse sentido que desenvolvo o meu projeto *Oficina de Música*. Até que ponto nós podemos viver e fazer arte numa sociedade capitalista sem se deixar determinar pelo

mercado. Muitas pessoas me dizem: "se eu não fizer a música que o mercado quer, eu não sobrevivo como músico". Eu digo que têm alternativas. Nós podemos fazer música dentro desta sociedade e desta realidade e mesmo assim mantermos uma independência no gosto e nos valores estéticos que se trabalha. Isso está muito ligado com a identidade cultural de cada um de nós. Por que eu trabalho com música popular e música folclórica nativista latino-americana dentro da Universidade? Porque faz parte da minha ideologia, eu não posso me desprender disso para trabalhar com outra coisa, eu estaria indo contra os meus valores.

P - Quando se fala em música, o sr. acredita que o que ouvimos nas rádios e vemos na TV é um produto de boa qualidade ou apenas circula na mídia o

que desperta interesse comercial?

R - Eu estava tocando na última FEISMA e uma senhora me abordou e perguntou se eu não tocava uma determinada música novela das oito da Rede Globo. Então eu acho que a TV e o rádio veiculam de tudo. Nós muitas vezes não temos estrutura suficiente para escolher. Há alternativas de canais abertos e a TVE é uma delas. Não adianta tu colocares uma pessoa que não sabe nada de vinho em frente a uma adega. As editoras e gravadoras de música adotam estratégias para atingir a grande massa. Nessa época do ano, certamente, existe uma música de verão, que toca nas rádios durante janeiro e fevereiro, já em março, ninguém mais lembra dela. Uma vez nós fizemos um teste, em que ligamos o rádio no início da manhã, em três FM que sintonizamos, estava passando a

mesma música, casualidade, mas aconteceu: a música era Ana Júlia. Era um horror como bateram em cima dessa música. Acho que os caras que fizeram essa canção nunca mais conseguiram tocar outra coisa. Uma música que até poderia ser bonita, mas foi usada, comercializada a tal ponto de tu ouvires essa música em várias emissoras ao mesmo tempo. Isso é o mercado que está ditando. Eu vejo por esse lado.

P - Nós somos vizinho de países que formam a América Latina, majoritariamente espanhola. Por que há tão pouco espaço em nosso estado para essas músicas que falam de realidades próximas a nós?

R - É uma herança que vem das épocas cinzentas e de chumbo, em que a campeã de vendas era a que se permitia, a que escapava da censura, aliás, eu acho que a